



RUSSIA — CRIMÉA.

A CRIMÉA, ou Taurida (Chersoneso Taurica dos antigos) é uma península formada pelos golfos do mar de Azof e do mar Negro, e apenas unida ao continente pelo istmo de Perekop.

O mar de Azof banha as costas orientaes d'esta interessante provincia, e o mar Negro as occidentaes e meridionaes.

O aspecto do paiz nas proximidades do istmo é tristissimo, o que não admira, porque por aquellas paragens apenas se encontram vastas marinhas de sal, e terrenos alagadiços, d'onde se evolvem exhalacões mephyticas, que envenenando o ar tornam a residencia ali mui encommoda e perigosa, mormente em certas quadras do anno, quando reinam com maior intensidade as febres intermitentes, das quaes poucos habitantes deixam de ser atacados, e de que bastantes são victimas.

Do lado do meio dia porém a península ostenta extraordinaria opulencia de vegetação, e go-a de ares mui sadios. O sabio viajante Pallas assevera até que em todo o vastissimo imperio da Russia não ha região mais temperada, mais fertil e mais aprazivel do que aquella parte da Criméa que se estende, n'uma serie de valles semi-circulares, e dis-

postos em amphitheatro, ao longo das costas do mar Negro.

A Criméa conta hoje aproximadamente quatrocentos mil habitantes, quasi todos musulmanos. O modo por que a antiga Chersoneso Taurica, outr'ora pertencente ao imperio ottomano, foi encorporada aos dominios moscovitas, explica-o o nosso distincto collaborador I. de Vilhena Barboza, nos seus excellentes artigos sobre os imperios bysanthino e ottomano, publicados n'este semanario, aos quaes o leitor curioso pode recorrer.

Em algumas povoações da Criméa, as casas, pela maior parte, construidas de madeira, são cobertas de terraços, para onde os seus habitantes costumam subir nas tardes calmosas a gosarem o fresco, o que produz um effeito realmente pittoresco, como pode observar-se na gravura.

Na extremidade da península acha-se situada a praça de Sebastopol, e nas cercanias d'esta cidade, junto ás margens do rio Alma, se deu, no dia 21 de setembro ultimo, uma grande batalha, entre francezes, inglezes e turcos de uma parte e os russos da outra, ficando estes desbaratados depois de uma lucta obstinada.

OS IMPÉRIOS BYZANTINO E OTTOMANO.

XVIII.

Catharina II projecta a conquista da Turquia, activa as operações de guerra, e promove uma sublevação na Grecia: combates navaes e destruição da esquadra ottomana: batalha de Cahoul: revoltas interiores: diligencias da Austria e Prussia em favor da paz: mau successo das negociações: continuação da guerra com fortuna varia.

Os FELIZES successos, que coroaram as armas russianas na campanha, a que o inverno acabava de pôr termo (1769), exaltaram a imaginação de Catharina II. A facilidade com que obteve esses triumphos levou-a a conceber vastos planos de ambição sobre a Turquia; ou, diremos com mais exactidão, animou-a a tratar de antecipar os acontecimentos, que a politica russiana preparava de ha muito. A guerra, que até ali tinha por unico fim enfraquecer gradualmente o imperio ottomano pela extenuação das forças e pela successiva diminuição de territorio, dispondo assim as cousas para uma conquista futura, que se antolhava ainda muito remota, passou a ter por alvo a queda immediata do crescente musulmano.

Em quanto pois os exercitos da Russia se recolhiam a quarteis de inverno, e se aproveitavam d'essas treguas obrigadas para se reforçarem; trabalhava o gabinete de S. Petersburgo em promover uma sublevação geral na Moréa e em toda a Grecia. Os seus agentes percorriam estas provincias sujeitas ao dominio turco, excitando os patriotas em nome da independencia e da liberdade; animando os timoratos com a promessa de soccorro directo por parte da Russia; e movendo com ouro o animo dos que se não abalavam á voz da patria. Todos os instinctos populares foram habilmente explorados, o espirito religioso pela identidade de creanças; o amor da independencia e da liberdade pela recordação de um passado glorioso, e pelo sudario da presente escravidão.

O divan, todo absorvido nos apercebimentos para a seguinte campanha, não via o que se passava nas provincias gregas, nem tinha informações algumas a semelhante respeito, pois que á maior parte dos governadores turcos tapára-lhes a bôca a corrupção.

Assim conseguiu Catharina II organizar uma extensa conspiração, que devia separar a Grecia da Turquia ao mesmo tempo que os exercitos moscovitas combatiam e assolavam este imperio.

Papas Oglon era o chefe popular da insurreição grega; e Benaki, influente no paiz pelas suas riquezas e relações, o que fizera decidir os bispos, clero, e pessoas principaes a prometterem todo o apoio e coadjuvação ao movimento patriótico. Aquelles dous chefes asseguraram então a imperatriz da Russia, que apenas apparecesse nas costas da Grecia uma esquadra russiana, levantar-se-iam mais de cem mil homens para proclamar e sustentar com as armas a independencia grega.

Em setembro de 1769 saiu do Baltico uma esquadra composta de sete naus de linha, quatro fragatas e alguns transportes, commandada pelo almirante Spiridow. Guardou-se tão grande segredo sobre o seu destino, que só foi sabido, quando lançou ferro no golpho de Coron. A presença porém d'esta força naval, em vez de alentiar os gregos desanimou-os completamente, pois que esperavam muito mais poderoso auxilio. A esquadra não continha mais de oitocentos homens de desembarque. A' vista de tão diminuta força todas as pessoas notaveis, desconfian-

do do bom exito da empreza, recusaram auxiliar de qualquer modo a revolta. Por conseguinte todas as diligencias de Papa Oglon e de Benaki apenas puderam reunir uns quatro mil homens, sob o nome de legião de Sparta. O primeiro d'estes dous patriotas, que foi quem tomou o commando dos sublevados, era valente e arrojado, mas debalde por cerco a algumas praças, e em vão percorreu o paiz: nenhuma praça se lhe rendeu, nem as suas fileiras se engrossaram. A esquadra, não podendo permanecer na costa por causa dos rigores do inverno, foi-se abrigar na bahia de Navarino, cujo porto tinha caído por surpresa em poder de um pequeno corpo de tropas russianas.

Mustaphá III, occupado em guarnecer as praças do Danubio, todo attento a fazer rosto ao inimigo, que o ameaçava em grande força da outra margem d'este rio, não esperava semelhante acommettimento pelo lado da Grecia. Assim desprevenido, só na primavera seguinte é que pôde conseguir, apesar de todos os seus esforços, que a esquadra ottomana, forte de vinte naus de linha, se fizesse de vela para o Peloponeso.

O almirante turco, julgando dispor de forças excessivamente superiores ás do inimigo, teve a imprudencia de dividir a sua esquadra, deixando metade no archipelago, e continuando com o resto a sua derrota. Mas entretanto tinha vindo uma divisão naval reforçar a esquadra da Russia, de sorte que no momento em que aquelle almirante suppunha ir combater a esquadra de Spiridow, saiu-lhe ao encontro uma armada mais poderosa. O sobresalto, que isto lhe causou, desconcertou-o completamente, e fello procurar a salvação na fuga. Houve porém uma nau, que se atreveu a esperar o inimigo e a aceitar combate, lavando assim a nodoa que o procedimento covarde do seu almirante lançará na marinha turca. Haçan Bey, que a commandava, desenvolveu tanta pericia, e portou-se com tanto valôr, que apresentou uma resistencia heroica em lucta tão desigual, logrando por fim desembaraçar-se do meio dos inimigos, que não puderam impedir que se fosse pôr ao abrigo das baterias do visinho porto de Napoli.

Em quanto no mar se passavam estas scenas, agonizava em terra a insurreição. As tropas enviadas para a debellar tinham chegado ao seu destino, e posto os rebeldes em desordenada fuga, obrigando-os por fim a acoutarem-se a bordo dos navios russianos.

Pouco tempo depois encontraram-se as duas esquadras no estreito canal, que divide a ilha de Chioda costa asiatica, e logo se empenhou combate. No momento porém em que a almirante russa dava abordagem á almirante turca, ateou-se o fogo n'esta ultima, e communicando-se repentinamente á sua rival, ambas foram destruidas pela explosão dos paioes.

O resto da esquadra ottomana, aproveitando-se da confusão causada por esta catastrophe, correu a refugiar-se no pequeno porto de Tchechmé, onde foi incendiada, e totalmente aniquilada pelos brulotes russianos em a noute de 6 de julho de 1770.

Ao mesmo tempo que o poder maritimo da Turquia recebia tão grande golpe, os seus exercitos experimentavam igual infortunio nas margens do Danubio, e na Criméa. A estrategia habil dos generaes Romanzof e Panin, tornando inefficazes a superioridade numerica dos exercitos turcos, e o esforço dos seus generaes, obteve junto a Cahoul uma das mais brilhantes victorias, que têm illustrado os annaes da Russia. A perda total dos musulmanos elevou-se a cincoenta mil homens.

A noticia de tão grande desastre chegou a Constantinopla juntamente com a do aniquilamento da

esquadra ottomana, e com a da apparição do almirante russo em frente dos Dardanellos. O terror chegou ao maior auge em toda a cidade, mas d'esta vez, por effeito sem duvida do instincto da conservação na presença de tão grave perigo, a ordem publica não foi alterada, segundo o costume em taes occasiões.

Frederico II, que tratára desde a sua exaltação ao throno da Prussia, de entabolar relações íntimas com a Turquia, apressou-se a offerecer a sua mediação ás duas potencias belligerantes. Etal era a gravidade do perigo, que ameaçava o imperio ottomano, que o proprio imperador de Allemanha, que a Europa víra até ali sempre ao lado dos inimigos do sultão, correu tambem com igual afan a offerecer-se por medianeiro.

Mustaphá e o seu conselho reconheceram a necessidade imperiosa, que havia de obter a paz a todo o custo; mas para que o accôrdo fosse menos humilhante e as condições mais suaves, resolveram que se fizessem com a maior actividade todos os possiveis esforços para reparar as perdas soffridas, como se no divan se houvera decidido uma resistencia a todo o transe. Em quanto pois se entabulavam negociações de paz, procedia-se em varias provincias a um grande recrutamento, abasteciam-se as praças de guerra, e enviavam-se contínuos reforços ao exercito do Danubio.

Os triumphos porém das aguias russianas obstavam a todas as tentativas de negociação. As praças da margem esquerda do Danubio iam caíndo umas apoz outras em poder dos russos; e as tropas musulmanas, desalentadas e cheias de terror, já não ousavam esperar combate. Azof abria pela terceira vez as portas aos moscovitas, que em breve se apossaram de quasi toda a Criméa. As esquadras da Russia assolavam as costas do mar Negro, e bloqueavam os portos da Grecia e o estreito dos Dardanellos.

A esta cadêa de desgraças veio o espirito de revolta accrescentar novos elos. A Georgia acabava de se rebelar. Na Palestina haviam rebentado muitas desordens. No Egipto disputava Ali Bey a soberania ao sultão.

No meio de tantos reveses eram admiraveis a presença de animo com que Mustaphá III supportava os infortunios, e a energia e perseverança com que procurava attenuar os males publicos e salvar o paiz. A coragem do soberano deu emfim alento aos seus generaes. O exercito turco voltou o rosto para o inimigo, e o seu valor foi coroado de alguns prosperos resultados.

Por este tempo declarou-se a peste na Russia, e communicando-se ao exercito russo, fazia horribes estragos nas suas fileiras. A Austria e a Prussia, favorecidas então por estas circumstancias, que haviam operado notavel mudança na sorte das armas, empregaram novas diligencias para mover Catharina II em favor da paz. E para a conseguir tambem faziam valer aos olhos da imperatriz a necessidade de pôr termo áquella lucta, no momento em que os negocios da Polonia iam ter um desfecho, que poderia produzir graves complicações entre estas tres potencias e o resto da Europa. Havia pouco tempo que a Russia, a Austria e a Prussia tinham concluido um tratado para dividir entre si parte do reino da Polonia.

Finalmente ajustou-se um armisticio, e reuniu-se um congresso em Focziani, na Moldavia; mas debalde se esforçaram os plenipotenciarios das potencias mediadoras para trazerem a um accôrdo as duas partes belligerantes. As exigencias de Catharina II eram taes, que tornavam a paz inteiramente impossivel.

Romperam por conseguinte as hostilidades na pri-

mavera seguinte (1773) e em toda a campanha d'este anno a fortuna foi mais favoravel ao crescente musulmano do que no anno anterior. O impulso que o sultão havia dado ultimamente aos preparativos de guerra, á custa de penosos sacrificios, com o fim de facilitar a conclusão da paz, não só collocára o paiz n'uma situação mais vantajosa pelo augmento dos meios de defeza, mas moralisára o exercito, inspirando-lhe confiança. Por outro lado o descoroçoamento, que a peste lançára nas tropas russianas, era um poderoso auxiliar da Turquia.

Nas primeiras operações d'esta campanha não alcançaram as armas ottomanas assignaladas vantagens, mas ao menos embargaram a marcha triumphante do invasor. Depois frustraram-lhe os seus esforços nos ataques contra varias praças de guerra de primeira ordem. Silistria e Varna resistiram heroicamente aos obstinados assaltos com que tentou rendel-as o general Romanzoff; e tão gloriosa resistencia animou os musulmanos a tomarem a offensiva, repellindo o inimigo para além do Danubio.

Estes triumphos vieram suavisar as maguas e cuidados de Mustaphá III nos derradeiros momentos da sua existencia. Parece que o destino quiz compensar-lhe tantas atribulações, dourando-lhe as despedidas do mundo com alguns raios de gloria.

Mustaphá III, cuja saude se enfraquecêra e alterára no meio de tantas fadigas e desgostos, morreu aos 21 de janeiro de 1774, tendo 57 annos de idade e 17 de reinado.

A sua morte foi geralmente sentida em todo o paiz, pois que á veneração que os turcos tributavam ás suas virtudes, juntava-se o perfeito conhecimento que toda a gente tinha da dedicação com que este soberano sacrificava repouso, saude e bens pela causa publica. Apesar dos cuidados que a guerra e relações exteriores lhe absorviam fez muitas reformas, e fundou varios estabelecimentos pios e scientificos.

N'outras circumstancias de menos adversidade, este principe teria dado ao imperio um aspecto de florecencia, que, se não pudesse igualar a grandeza passada, deixaria pelo menos conceber rasoaveis esperanças de que volveriam ainda para a Turquia tempos de prosperidade e de gloria. Quasi inteiramente desajudado dos homens e da fortuna, em uma lucta constante com todo o genero de contrariedades, pode-se dizer, que foi á sua nunca desmentida coragem e á sua energia e inabalavel constancia, que a Europa deveu o malogro dos planos de Catharina II. Sem esse heroico esforço, secundado por uma grande prudencia, alluir-se-ia então o imperio de Mahomet, e Catharina II teria realisado o sonho da sua ambição, transferindo para Constantinopla a capital de seus vastissimos estados.

(Continúa).

I. DE VILHENA BARBOSA.

POVOS ICHTHYOPHAGOS E CRÉOPHAGOS.

Os esquimaus, os fuegios, e os hottentotes comem carnes cruas com uma soffreguidão verdadeiramente bestial. Os peixes e as phocas são a base do sustento d'estes povos grosseiros.

Um esquimau come tanto como dez europeus, e digere muito mais rapidamente. O fuegio devora tudo quanto encontra, peixes podres e molluscos em total decomposição. O australiense come reptis crús, e se alguma vez os põe ao fogo, é unicamente para lhes tirar a pelle. Este desvio singular

dos usos habituaes da civilisação indicam que taes povos desceram ao ultimo grau de embrutecimento. E' de veras difficil não accreditar em alguma modificação do organismo, vendo um esquimau carregar o estomago com dez kilogrammas (mais de vinte arrateis) de salmão cru, que ainda cosidos poderiam fartar dez robustos marinheiros inglezes. Cumpre observar que o homem polar está prestes a recommençar sua refeição muito mais cedo que o europeu.

Estas informações, que são authenticas, dão força aos argumentos d'aquelles naturalistas, que opinam pela pluralidade das especies no genero humano.

As pessoas que objectarem que os esquimaus comem carnes, porque não podem comer outra cousa, não se creando, como se não criam, vegetaes nos gelos dos polos, poder-se-ha responder: Porque vivem elles lá? quem os guiou, e porque se conservam ali? Sujeitaram-se esses povos ao clima, ou foram creados para elle?

QUADROS MARITIMOS.

IV.

ENCONTRO DO GALEÃO SANTIAGO COM TRES NAUS HOLLANDEZAS, NA ILHA DE SANTA HELENA.

1594.

A 25 de dezembro de 1601 partiu de Gôa para o reino o galeão *Santiago*, barco muito fransino e de pouco porte, o qual todavia carregou na India quatro mil quintaes de pimenta e muitos fardos, com que vinha empachado até aos chapiteus, e, como costuma dizer-se, mettido debaixo de agua, de tal forma que andava pouco, governava mal, e custava a manear; e sobre tudo isto trazia a seu bordo trescentos homens, entre maruja, officiaes, soldados, fidalgos, padres e escravos; e por capitão-mór Antonio de Mello e Castro. Logo á saída de Gôa se viram obrigados a alijar parte da carga, para tornar o galeão mais boieiro, pois de outra sorte nada seguia; e achando o vento contrario para tomarem Moçambique, como lhe era determinado, seguiram costa abaixo, e passaram o cabo da Boa Esperança, a 25 de fevereiro de 1602, com tanta bonança como até áquelle tempo não passára nenhuma outra embarcação. Assim que se viram d'este lado do cabo começaram a aperceber as armas para qualquer encontro de naus inimigas, por saberem que algumas hollandezas se haviam no precedente anno dirigido ao canal de Sunda; e desejando aproar directamente a Lisboa, por terem agua e mantimentos bastantes, não puderam todavia prescindir de soltar o rumo para a ilha de Santa Helena, visto assim o determinar expressamente o regimento do capitão-mór, fundado na razão de que havia corsarios na costa de Portugal, e que esperando o galeão por outros dous, que estavam para velejar da India, poderiam melhor os tres, em conserva, arrostar com o inimigo. Esta ordem da côrte foi a perdição do *Santiago*!

A 14 de março avistaram a ilha de S. Helena, e com vento favoravel demandaram o seu porto, quando porém se aproximavam, enxergaram tres naus hollandezas, que ali estavam ancoradas. O terror dos nossos foi grande, calculando a desigualdade das forças... para que é negal-o? Alguns propunham virar de bordo, e fugir ao inimigo, porém o capitão-mór mostrou-lhes que esse expediente nenhum effei-

to salutar sortiria, porque as naus, veleiras, como deviam ser, e escoteiras, como de certo estavam, com facilidade alcançariam o galeão, e a sua gente crearia novo animo vendo que lhe fugiam. Resolvido pois a affrontar todos os perigos, mandou governar para onde o regimento mandava; e mal havia surgido no porto, quando viu junto a si uma das naus hollandezas já velejada. Os portuguezes deram o primeiro tiro, e para logo se travou um renhido combate entre estas duas embarcações. O galeão *Santiago* tinha apenas dezeseite peças d'artilharia (das quaes a maior era uma meia-espera) empachadas na tolda com fardos e caixões, e laborando em estreitas portinholas. As naus hollandezas eram construidas de proposito para a guerra; uma d'ellas tinha trinta e duas peças, e cada uma das outras trinta, divididas em duas baterias, arrojando balas de calibre 24. «Tinha cada nau perto de cem homens (nota o escriptor portuguez, a quem seguimos n'esta narração) que faziam officio de soldados, marinheiros e bombardeiros, como é costume d'aquella nação, com que fazem grande vantagem aos nossos.» Depois passa a enumerar as demais vantagens dos hollandezes: as invenções de armas, e a muita provisão de munições de guerra; a praça de armas e o convez desembaraçados; as portinholas bem rasgadas, os bons reparos das peças, e apenas dous mil quintaes de pimenta no porão. Comparae isto com o nosso galeão, que trazia ao todo trinta pelouros de picão e cadeia!...

O primeiro que caiu mortalmente ferido na acção foi um filho do capitão, o joveu Francisco de Mello e Castro; muitos marinheiros, soldados e escravos pereceram depois, até que a noute fez cessar o combate, e que a nau hollandeza se foi unir ás suas companheiras. O galeão, tendo reparado como poudes as avarias, velejou logo ao romper do dia seguinte, por achar mais vantajoso o seu capitão-mór combater em mar largo e sobre vela, e muito provavelmente por que lhe restava alguma esperanza de poder escapar a um inimigo tão superior em forças. Porém as tres naus seguiram logo na sua esteira, e duas d'ellas, acercando-se-lhe das alhêtas, começaram de novo a bombardeal-a. Assim passou este segundo dia, sendo bastantes os mortos e feridos do galeão, muitos os destroços nas enxarcias, nas vergas e no mastro grande, e abundante a agua que lhe entrava no bojo, proveniente dos muitos rombos ao lume d'agna, de tal forma que as bombas lhe não davam vencimento. Os hollandezes nada soffreram, porque a nossa artilharia não se podia conteirar para ré, pelos motivos que já apontamos, e querendo dar uma banda sobre o inimigo, tinham de lhe apresentar todo o costado, com o que maior damno receberiam!

Durante a segunda noute mandou o capitão-mór abrir duas portinholas na popa do galeão, e trazer para ali duas pequenas peças, visto aquelle logar estar inteiramente désguarnecido; e entendendo outrosim que o que lhes convinha era vir ás mãos com o inimigo, mandou largar uma bandeira vermelha no tope, para que percebessem que o galeão se não rendia ás bombardadas, e que se queriam tomal-o era mister resolverem-se á abordagem. Ao amanhecer viram os hollandezes o signal, e perceberam o intento dos nossos, porém continuaram com o seu systema de guerra, um pouco mais de largo, porque as pecinhas da popa do galeão já os encommodavam. A preza era certa! A olhos vistos se afundava a pobre nau portugueza; e ainda os hollandezes não sabiam o reboliço que lá ía a bordo! A marinhagem e soldados com um frade, de cruz alçada, á sua frente, intimava da parte de Deus ao capitão-mór que se rendesse; e este, ajudado por alguns fidalgos, resis-

tia corajosamente a toda a proposta de paz! A pimenta saía de um paiol que se arrombou, entupia de tal maneira as bombas, que para mais nada serviam; e os rombos augmentavam, e as velas e os mastros estavam crivados de balas... que esperança de salvação podia haver?

O maior numero venceu enfim. Atropelando o capitão, foram á pópa substituir a bandeira vermelha por outra branca, e para logo cessou o fogo do inimigo; vindo em seguida o almirante hollandez a bordo do galeão, com muita gente, tomar refens. Este almirante (a quem Melchior Estacio chama Cornelius Sebastianus) tratou muito bem a Antonio de Mello, e o conduziu consigo para a nau capitanea, bem como a seu filho, ainda mal ferido, e outros. Apesar do trabalho que, amigos e inimigos, tiveram para vedar a agua do galeão, nada conseguiram; e logo que anouteceu os hollandezes se retiraram aos seus navios, deixando os nossos só, a trabalhar toda a noute para salvarem as vidas que tanto estimavam.

No seguinte dia voltaram os hollandezes a bordo do galeão; mas descoroçados de poder tomar a agua que n'elle entrava, e vendo cerrar-se a tarde, lançaram-se aos seus escaleres, e trataram de fugir á morte que julgavam propinqua ali; então os portuguezes, desanimando, pediam com lagrimas que os salvassem, e alguns se arrojaram ao mar, procurando aferrar as lanchas... porém foram mortos a sangue-frio pelos inimigos! excepto alguns que lhes mostraram pedras preciosas, diz o historiador; mas custa a crer!! Antonio de Mello, sempre valente e portuguez, pediu ao almirante que o deixasse ir morrer com aquelles desgraçados, com os homens que lhe haviam desobedecido!... Roma não viu maior grandeza d'alma nos seus tempos de heroicidade! Eram assim aquelles portuguezes, ainda avexados pela oppressão de Castella: sempre grandes, na victoria como na adversidade!

Sobrevindo a noute, os do galeão, em vez de perderem de todo a esperança, cobraram maior animo; lançaram-se aos gamotes a botar agua fóra, alijaram fazendas e artilharia, e rezando sempre uma devota ladainha, chegaram a ver surgir a nova aurora! Maravilhados ficaram os hollandezes quando enxergaram o galeão ainda sobre as aguas, e acudindo de novo ao trabalho conseguiram desentupir as bombas, tapar varios rombos, e a final arranjar-lhe algum pano á prôa, com o que pode acompanhar a nau até á ilha de Fernando de Noronha.

N'estas asperas penedias lançaram, depois de bem revistados e basculhados, os portuguezes; causa riso lér na relação d'este naufragio, a que nos reportamos, até onde os inimigos levavam a curiosidade de procurar perolas ou outros objectos pequenos e valiosos! Não lhe faremos echo. Na ilha só havia um portuguez com 12 ou 13 escravos, que nenhum agasalho deu aos seus desvalidos compatriotas, e os hollandezes pouco mantimento lhe deixaram, e esse mau: novos trabalhos começavam para os pobres salvados do galeão Santiago!

Depois de gastarem alguns dias em apparelhar-se para a viagem, partiram as naus e o galeão na volta de Hollanda, levando á força alguns marinheiros nossos; e achando-se os que ficavam na ilha desasombrados d'aquelles maus visinhos, trataram de arranjar um batel o melhor que puderam, no qual se embarcou Antonio de Mello, D. Pedro Manuel, o piloto João Ramos, o mestre Simão Peres (que tambem antes queria morrer do que render-se, na occasião do tumulto) e alguns marinheiros, e largaram-se em busca da costa do Brazil e de embarcação que

viesses terminar aquelle desterro de tanta gente. No exemplo aqui se deu do espirito de ordem, que notamos em outro capitulo: os que ficaram na ilha trataram primeiro que tudo de escolher capitão que os commandasse, e a eleição recaiu em Francisco de Mello, posto que ainda estivesse muito doente; logo porém no dia seguinte, largou tão pouco invejavel cargo, porque arribou o batel com agua aberta. Concertado de novo, como foi possível, tornou a partir, poucos dias depois, este mensageiro de desditas, deixando porém na ilha o capitão-mór, que estava gravemente enfermo; e ao cabo de dous dias avistou a costa do Brazil, e tomou o porto da Parahiba, d'onde D. Pedro Manuel avisou para Pernambuco ao governador Diogo Botelho, que logo mandou duas caravelas a buscar os desterrados. Ainda assim passaram trabalhos no mar antes de surgir no Rio Grande do norte; e na volta para Portugal alguns foram prisioneiros dos inglezes; n'este numero entrou D. Pedro Manuel. O capitão foi ter a Galliza, onde lhe notificaram que não entrasse na côrte, sem permissão d'el-rei, porque se lhe instaurára um processo, do qual todavia saíu immaculado, e com grandes elogios; e tendo-se já começado a proceder contra os revoltados do galeão, cessaram os castigos, por considerar el-rei, ou alguem, por elle, que os pobres homens não eram a mais obrigados em vista do estado da embarcação, e que haviam cumprido o seu dever. Os dous galeões, que o *Santiago* ia esperar a Santa Helena, chegaram ali pouco depois da sua partida, e encontraram na ermida da ilha um quadro representando a peleja do primeiro dia, com seu leiteiro em hollandez; comprehenderam pois o successo, confirmado por alguns despojos que encontraram, e trataram de evitar igual sorte, aproando a Lisboa: estes dous galeões eram o *Salvador* e o *S. João*.

(Continúa.)

F. M. BORDAEO.

HORROROSO SUCCESSO NA AFRICA.

A CORRESPONDENCIA que abaixo se lê, dirigida ao *Diario de Pernambuco*, e cuja reproducção nos foi solicitada com empenho, é a historia circunstanciada das barbaridades praticadas pelos selvagens das cercanias do porto de Jabú, na Africa occidental, contra uma povoação inoffensiva.

Similhantes casos, posto que poucas vezes revestidos de circumstancias tão atrozes, têm tido lugar n'aquellas plagas inhospitas, não tanto pela malignidade do clima, como pela fereza e brutidão dos seus naturaes.

Um tal estado exige as mais efficazes providencias. O sr. Ferreira appella para todas as nações civilizadas, ás quaes pede que acabem com a selvageria dos africanos; nós, juntando as nossas humildes vozes ao brado da victima, que pode sobreviver á catastrophe para ser o seu chronista, pedimos ao governo que medite attentamente o facto, que se aponta, e na responsabilidade que elle lhe impõe.

Nenhuma nação da Europa possui na Africa territorios mais vastos do que Portugal: a este cumpre pois trazer-os ao gremio da civilisação. A catheches é o meio mais efficaz que se conhece. Aproveitando o novo seminario de Loanda trate o governo, quanto antes, de prover á maxima necessidade da Africa, a missão; depois enviem-se ás colonias auctoridades probas; estabeleçam-se communicações regulares com a metropole; crie-se uma marinha, que faça respei-

tar a bandeira portugueza em todos os mares; e a confiança renascerá, o commercio tomará um incremento espantoso, o indigno trafico da escravatura ha de acabar por si; e um novo e florescente imperio surgirá na Africa pela nossa gloriosa iniciativa.

Que bello mandato se não offerece assim ao povo que enche tantas paginas da historia com o seu nome, e que ainda conserva tantos padrões da sua antiga preponderancia, e da ousadia, e do genio dos seus grandes capitães e navegadores!

Srs. redactores. — Estranho e sem conhecimento n'esta cidade, onde estou apenas ha vinte e nove dias, não parecerá menos proprio dirigir-me ao respeitavel publico, por meio do seu bem conceituado jornal, para contar-lhe o que deve ser notorio, e dar uma demonstração de reconhecimento, não só aquelles que me salvaram a vida na costa de Africa, como apresentar os sentimentos de cordial gratidão que me animam para com as pessoas em que hei encontrado o maior acolhimento e protecção até ao momento em que escrevo estas linhas, no curso de infelicidades e desgraças por que tenbo passado ha quasi um anno.

Nascido em Portugal, d'onde saí para a Bahia de Todos os Santos no anno de 1841, ali estive até que em 2 de março de 1853 segui em companhia do sr. Francisco Gil de Aguiar, encarregado de formar um pequeno estabelecimento de commercio licito na costa de Africa occidental, de sociedade com o sr. Francisco José Carena, estabelecido n'aquella cidade da Bahia. Embarcado na polaca sarda *Josephina*, chegamos com boa viagem ao porto do *Jabú* na Costa da Mina, onde encontramos sete pessoas conhecidas, tres brancos, naturaes de Portugal e quatro crioulos livres oriundos da Bahia; e ahi fundamos o nosso estabelecimento, por nos informarem que n'esse logar poderia ser vantajoso com o gentio o commercio do azeite de palma e marfim, a que íamos destinados, com o fim de o fazer transportar opportunamente para Inglaterra, onde sustenta bom preço. As sete pessoas que n'esse ponto encontramos foram: Joaquim José do Couto, portuguez, casado na Bahia; João José de Lima, e Antonio José Marques Marinho, tambem portuguezes e solteiros, idos d'esta ultima cidade, e os quatro crioulos referidos, dos quaes apenas sei por extenso os nomes de dous: Pantaleão Lopes Villas-Boas, e Luiz Alves Ribeiro. Era eu apenas caixeiro d'esse estabelecimento, como havia tratado, sendo o meu companheiro de viagem socio com o sr. Carena, que ficára na Bahia.

Entretivemos logo relações de amizade com esses companheiros (que infelizmente depois o foram tambem do infortunio) e demos principio ao negocio, o qual era feito por meio de troca com os pretos indigenas, como é sabido. Os ganhos não eram excessivos, mas todos estavamos contentes n'esse logar inhospito, porque viviamos em paz e com alguma saude. No mez de outubro porém ouvimos fallar em uma proxima guerra entre os pretos das diversas nações, divididas n'aquelle immenso territorio; mas não dando muita attenção a essas noticias, porque taes guerras são usadas e constantes entre os naturaes da costa de Africa, tomamos a resolução de continuar a nossa residencia no dito porto de *Jabú* por mais seis mezes, visto que nenhum motivo plausivel tinhamos para nos retirarmos precipitadamente com grande prejuizo do nosso legal commercio, porque até estavamos no melhor accôrdo com os pretos da terra. Para nosso mal nem sequer

anteviamos a sombra do barbaro destino que nos estava reservado! No dia 25 do indicado mez de outubro de 1853, ao amanhecer, tivemos noticia que o gentio do centro se achava já muito perto para atacar o territorio da nossa residencia.

Da noticia ao apparecimento d'essa chusma de selvagens foi tão curto o espaço que não bastou para que pudessemos procurar uma segura guarida.

Os pretos do logar onde moravamos, que na verdade eram pacificos e comnosco entretinham relações, trataram de preparar-se para a resistencia e defeza contra os barbaros. A's seis horas da manhã d'esse dia foi o porto do *Jabú* furiosamente accommettido a ferro e fogo, tendo logar uma defeza valorosa, que deu em resultado grande mortandade e ferimentos de parte a parte; mas os defensores tiveram de ceder pela desproporção do numero excessivo dos aggressores, os quaes, segura a sua gloriosa victoria, trataram de lhe pôr ultimo remate incendiando as poucas casas do logar, roubando o que n'ellas havia, e matando fóra do conflicto grande parte dos prizioneiros que lhes caíram nas mãos.

N'esta horrorosa colheita e carnificina, propria da gente que a praticava, se empregaram os vencedores até ao principio da tarde d'esse dia, cujas tristes recordações me estarão sempre patentes!! Tendo os barbaros tomado a praia, unico logar por onde podiamos ter escapado eu e os meus companheiros á sua ferocidade, se houveramos tido tempo de fugir para bordo de tres navios mercantes que se achavam fundeados ao largo, occultamo-nos todos no *matto*, na esperança de que acabada a lucta entre os naturaes do paiz, poderiamos melhor esquivar-nos ao eminente e conhecido perigo que nos viria a ameaçar, ainda procurando o abrigo dos ditos navios. Não succedeu porém como suppunhamos, porque o plano dos pretos aggressores era extinguir *tudo* sem excepção, e quando se lhes acabaram as victimas nos seus proprios conterraneos, trataram de explorar o *matto* para que tivessemos a mesma sorte d'estes. Tendo o grande infortunio de cair-lhe nas mãos eu e mais sete dos meus companheiros, pois apenas deixou de ser por elles encontrado João José de Lima, fomos levados em grande aparato á presença do chefe dos selvagens, que se achava no logar da devastação cercado de grande numero dos seus, contemplando com prazer a sua obra *meritoria*. Ahi juntos, depois de procedermos comnosco a ceremonias barbaras, acompanhadas de visagens, ademanes e cantigas adequadas, despiram com toda a brutalidade os quatro brancos, e depois de nós, principiaram por ordem do chefe a cutilar-nos a golpes de espada com uma furia tal, que nem os nossos gemidos e ais de dôr, nem os nossos incessantes rogos puderam diminuir.

Assim martyrisados fomos succumbindo uns após outros aos muitos e grandes golpes que nos descarregaram, deixando-nos os barbaros expostos na praia n'este misero estado, mortos uns, e outros moribundos. Ao pôr do sol os selvagens, suppondo-nos todos extinctos, retiraram-se levando consigo os quatro crioulos, como devo suppôr, pois não foram encontrados, e a certeza de que o fogo que haviam lançado estava consumindo os nossos estabelecimentos, e o mais que não tinham podido conduzir. A Providencia eterna porém não permittiu ainda que tão barbaramente se acabassem meus dias na terra, como infelizmente, e com toda a certeza succedeu aos meus tres companheiros, e pude depois verificar com horror. Assim martyrisado e quasi moribundo, acordei depois de cinco horas de uma lethargia profunda, e com tal fortuna, que já os pretos selva-

gens iam em retirada, e apenas se ouviam seus uivos e gritos ferozes, seriam pouco mais de seis horas da tarde. Quando pude por mim mesmo, e como me foi possível, no lastimoso estado em que me achava, assegurar-me do nenhum risco que corria, e que só me podia novamente sobrevir com a presença dos barbaros, fiz todos os esforços imaginaveis para levantar-me. Baldado empenho!

Os fundos golpes que aquelles malvados me haviam dado nas pernas, nos braços e na cabeça impediam-me todos os movimentos. De bruços sobre a arêa da praia, como me haviam deixado, apenas, e com bastante difficuldade pude mover o rosto, e vêr junto a mim os tres corpos dos meus companheiros de infortunio, um dos quaes apoiava sua cabeça sobre uma das minhas pernas. Fazendo grande esforço chamei por seus nomes tão alto quanto m'o permittiam meu estado e minhas forças exaustas.

Que me poderiam porém elles responder se não eram já mais que cadaveres!!

Morto já pela sede, esperando a todo instante que a morte do corpo fosse o fim certo de tantos transees e agonias, tendo por cama a humida arêa, cadaveres por companheiros, e por luz o clarão do incendio lançado pelos barbaros nos depositos de azeite de palma, e de aguardente, assim passei a noite de 25 de outubro do anno passado, orando a Deus, e agradecendo-lhe com todo o fervor o conceder-me alguns momentos de vida para arrependerm-me e rogar-lhe o perdão de meus peccados. Ao amanhecer do dia seguinte (26) o meu companheiro Lima, que teve a fortuna de não ser encontrado pelos aggressores, não ouvindo já o rumor dos combatentes e a bulha da peleja, e considerando tudo acabado, veio com as devidas cautelas procurar-me e aos outros infelizes, e examinar os estragos feitos.

Ao ver são e salvo esse companheiro senti grande satisfação, recobrei algum animo e força, e nutri a lisonjeira esperança de uma morte menos amarga, tendo para me recolher o ultimo alento tão longe da patria e da Bahia, e nas praias inhospitas de Africa, um christão meu compatriota, que oraria a Deus pela minha alma, e me não deixaria insepulto. Depois de ter saciado a sede com a agua que elle me trouxe, contei-lhe o succedido como m'o permittiu o meu deploravel estado; mas que poderia elle por si só fazer-me n'esta triste conjunctura? Por felicidade nossa, apesar da grande distancia que separa o mau e pequeno ponto de *Jabù* do fundeadouro, por causa de um grande e perigoso banco de arêa que o atravessa, a tripulação dos tres navios que ahi estavam e eram: o brigue sardo *Carlota*, a escuna, tambem sarda, *Firmina*, e uma outra escuna ingleza, cujo nome me não lembra, tendo ouvido alguns tiros em terra no dia 25, em que não puderam desembarcar por causa do grande risco do mar então muito agitado, e observando depois o incendio da povoação, que durou toda a noite, desembarcaram a todo o custo e perigo logo no principio da manhã, do dia seguinte (26) com os seus officiaes, para o fim não só de observarem, mas de prestarem qualquer soccorro que fosse necessario.

Estes bemfazejos homens chegaram tarde, é verdade, para obstarem á mortandade da vespera; foi porém melhor assim, porque talvez fossem victimas dos canibaes, cujo numero não era por certo inferior a 800!! Ajudados pelo meu companheiro Lima trataram de enterrar os mortos na praia, e depois me conduziram, e ao dito Lima para bordo do brigue *Carlota*, d'onde este ultimo se passou para a escuna sarda, que tinha de seguir novamente pa-

ra a Bahia, por não poder, em vista d'estas fataes occorrencias, completar o seu carregamento para Inglaterra. O *Carlota*, a cujo bordo fui recebido pelo seu capitão Bom Senhor, e mais tripulação com todas as mostras de caridade, fez-se logo de vela á procura de algum dos cruzadores de guerra inglezes tão frequentes n'aquella paragem, afim de me entregar ao primeiro d'estes que fosse encontrado, pois não tendo o *Carlota* medico nem remedios a bordo, não me podia soccorrer o seu excellente capitão como desejava e era mister em tão melindroso estado. Ao cabo de cinco dias encontramos o vapor de guerra inglez *Polyphemus*, para onde fui transportado, e ali recebido com toda a philantropia.

Depois do beneficio que foi possível fazer-se-me no *Carlota*, tive no vapor inglez um perfeito agasalho, sendo tratado pelo seu commandante, officiaes, e especialmente pelo medico de bordo, e primeiro tenente Gualter Streckland, com muito carinho o interesse.

Durante sessenta e nove dias foi-me por elles prodigalisada toda a sorte de commodos compatíveis, dando-se-me não só os remedios e tratamento apropriado ao meu estado, como roupa, e até dinheiro quando depois vim a desembarcar.

Como este vapor tinha de seguir para a costa do sul de Africa levaram-me á ilha da Assumpção, a cujo hospital fui recolhido, e n'elle igualmente tratado com carinho e cuidado pelos seus empregados. O tratamento no *Polyphemus* havia já adiantado muito o meu curativo, que continuou no hospital da Assumpção, onde estive seis mezes e dez dias. Achando-me muito melhor, e certo, conforme a opinião dos facultativos, de não poder obter jámais minha primitiva saude, depois da extracção de bastantes esquirolas das fracturas que soffri nos tendões e ossos das pernas e braços, que em parte se acham inutilizados para poder tratar dos meios de minha subsistencia, fiz tenção de voltar logo que pudesse para a Bahia, e d'essa minha deliberação, communicada a bordo do *Polyphemus*, fiz sciente ao medico e enfermeiro do hospital d'Assumpção.

Chegando ali a barca americana *Seaflower* de New-Bedford, que na sua viagem do Pacifico para os Estados-Unidos tinha de vir refrescar a Pernambuco, trataram, mediante a protecção do governador da ilha, de me obter passagem n'esta embarcação, para a qual embarquei em 18 de julho proximo passado.

A bordo d'este ultimo navio recebi, como até então, o melhor tratamento durante doze dias que trouxemos de viagem até este porto, onde fui mandado pôr em terra pelo capitão americano, e conduzido a casa dos srs. Henry Forster & C.^a

Aqui desembarcado procurei o meu consul, o qual ouvindo-me, e vendo o estado em que ainda me achava mandou dar-me casa, sustento e curativo até que pudesse regressar para a Bahia.

Tendo tido a necessaria convalescença e descanso depois dos martyrios e dores acorbas porque passei, vou em breve seguir para aquella cidade, onde tenho parentes e amigos, que me devem julgar morto; e para esse transporte já tratado recebi os precisos soccorros de meu consul e vice-consul os srs. Joaquim Baptista Moreira e Miguel José Alves, ambos os quaes, nos poucos dias em que me hei demorado n'esta boa terra, se disvellaram em fazer-me esquecer meus males passados, e suavisar os presentes.

D'estes dous senhores me despeço com agradecimento, e tambem das mais pessoas a quem devo atenções, como já o fiz saudoso ao separar-me d'aquelles a quem devo a vida; a todos protesto meu eter-

no reconhecimento pelo muitissimo que por mim fizeram e com especialidade ao capitão Bom-Senhor do *Carlota* e Torres da *Firmina*, e mais ainda aos subditos de S. M. Britanica a bordo do vapor *Polyphemus* e na ilha da Assumpção, porque envidaram todos os esforços para me salvarem, e o conseguiram.

Se estou vivo, depois de Deus, a elles o devo.

Relatando o barbaro successo, seja-me concedido fazer um appello para a humanidade e honra de todas as nações civilisadas do mundo, ás quaes, a meu

ver, cumpre empregar todas as suas forças, e esforços para acabar de uma vez com a selvageria dos habitantes de grande parte da Africa, promovendo a catechese d'estes, e o commercio e civilisação d'essa parte do globo, ainda nas trevas da ignorancia, como têm feito e estão fazendo com outros povos em iguaes e melhores condições.

Agradecendo, senhores redactores, a sua prestante cooperação para que pudesse publicar este facto digno de memoria, permittam-me que me assigne etc. *Joaquim José Ferreira*. — Recife 27 de agosto de 1854.



TUMULO DE BONCHAMP.

O MARQUEZ de Bonchamp nasceu em Jouvedeis, na antiga provincia do Anjou, em França, a 10 de maio de 1760. Educado desde os annos tenros para a profissão das armas, começou o seu tirocinio militar combatendo pela emancipação das colonias inglezas da America, com *Lafayette*, *Segur* e *Rochambeau*.

Terminada a campanha regressou á Europa, sendo recebido no regimento da Aquitania, onde, em 1791, tinha o posto de capitão. Observando os progressos da revolução, cujos desvios reprovava, dimittiu-se, e retirou-se ao castello de *Baronière*, cêrca de *S. Florencio*.

O marquez de Bonchamp grangeára nas guerras da America a reputação de valoroso soldado e de experimentado capitão. Quando pois a Vendé se levantou a favor da causa da realza, os sublevados naturalmente dirigiram as suas vistas sobre Bonchamp, a quem offereceram o commando e commetteram a direcção da sua arrojada empreza. Aquelle accitou sim, mas com alguma repugnancia, e como que obedecendo a um dever de subdito fiel ao rei.

Pouco depois, com as consideraveis forças que capitaneava, fez a sua junção com *Larochejaquelin* e *Cathelinau*, que acabavam de tomar *Beaupran*. Em seguida apoderaram-se os tres chefes de *Bressuire* e *Thuars*. Infelizmente porém para os realistas a opinião de Bonchamp raras vezes era adoptada: objecto de ciúme pela sua capacidade, não faltava quem accusasse de tibieza a sua moderação e prudencia; e todavia ninguém o excedia em bravura. Em todas as accões a que assistiu foi ferido; um ferimento o

estorvou de assistir ao primeiro ataque de *Joutenay*. No segundo, que dirigiu pessoalmente, com favoravel exito, recebeu outra ferida que lhe roubou a gloria da tomada de *Angers* e de *Saumurs*. Quando, desbaratados, os batalhões de *Charrette* puderam reunir-se ao grosso do exercito vendeano atacado pelos republicanos, Bonchamp correu a animar os seus correligionarios, contribuindo poderosamente para o triumpho que alcançaram. Constando-lhe que se preparava uma sublevação na Bretanha resolveu que o exercito da Vendé passasse a *Loirena*. Este plano, que depois se reconheceu ser habilmente combinado, encontrou ao principio bastante opposição; entretanto levou-se ao cabo, posto que havendo a vencer difficuldades, que a demora da sua execução augmentára. Os republicanos porém tinham tido tempo de se preparar; a lucta travou-se em frente de *Chollet*, a 17 de outubro de 1793. N'este combate terrivel, Bonchamp foi ferido no peito por uma bala, e succumbiu vinte e quatro horas depois.

Quando já estava desenganado de que morria, soube que os prizioneiros republicanos iam ser fuzilados. Cheio de indignação, e fazendo um heroico esforço, o generoso caudilho sentou-se no leito da dôr, e bradou com voz segura: *Perdão para os republicanos. Bonchamp assim o quer; Bonchamp assim o ordena*. Este interessante episodio dos ultimos momentos do illustre general vendeano inspirou ao celebre escultor *David* a bella estatus, que sobrepuja o seu tumulo, erigido modernamente na igreja de *S. Florencio*, o qual a nossa estampa representa.